

A PERCEÇÃO DA IMAGEM DO CONTABILISTA NA SOCIEDADE: UMA REVISÃO DA LITERATURA¹

Micaela Tavares

Instituto Superior de Contabilidade e Administração
Universidade de Aveiro
Rua Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro
3810-500 Aveiro PORTUGAL

Carla Carvalho

Professora Adjunta
GOVCOPP - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas
Públicas
Instituto Superior de Contabilidade e Administração
Universidade de Aveiro
Rua Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro
3810-500 Aveiro PORTUGAL

Área científica: E) História da Contabilidade

Palavras-chave: Perceção; Imagem; Estereótipo; Contabilista; Sociedade.

¹ Este trabalho foi apoiado pela unidade de investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (UIDB/04058/2020), financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia I.P..

A percepção da imagem do contabilista na sociedade: uma revisão da literatura

Resumo

Encontramos na literatura diversos estudos que tendem a explorar o estereótipo e a imagem do contabilista. Os estudos analisam a imagem dos contabilistas na perspectiva da sociedade, dos próprios profissionais e até na perspectiva dos estudantes.

O objetivo deste trabalho é efetuar a revisão dos mais relevantes estudos sobre a imagem pública que os diferentes segmentos da sociedade têm dos contabilistas, de modo a perceber a sua evolução ao longo dos tempos e se houve progressos sobre a imagem que outrora existia, maioritariamente associada a um estereótipo negativo.

Pela pouca diversidade de estudos nesta área, designadamente no contexto nacional, justifica-se a pertinência deste trabalho, numa época em que se discute à escala global o futuro da profissão de contabilista e em que estes profissionais têm assumido um papel preponderante no apoio à sobrevivência das empresas e na retoma da economia no atual contexto de pandemia.

1. INTRODUÇÃO

A atual regulamentação da profissão pela Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC), e a conseqüente promoção e dignificação da profissão na sociedade, é um tema que assume elevada importância pela relevância que a profissão de Contabilista Certificado tem na gestão do mundo dos negócios e na comunidade em geral.

Encontramos na literatura diversos estudos que tendem a explorar o estereótipo e a imagem do contabilista. Os estudos analisam a imagem dos contabilistas na perspectiva da sociedade, dos próprios profissionais e até na perspectiva dos estudantes.

O objetivo deste trabalho é efetuar a revisão dos mais relevantes estudos sobre a imagem pública que os diferentes segmentos da sociedade têm dos Contabilistas, de modo a perceber a sua evolução ao longo dos tempos e se houve progressos sobre a imagem que outrora existia, maioritariamente associada a um estereótipo negativo.

Apesar de os Contabilistas Certificados serem considerados honestos, eficientes e bons profissionais, o estereótipo que mais lhe tem sido associado é de cariz negativo (Maia, 2017), de pessoas metódicas, antissociais e relacionadas com o controlo e a ordem. Desta forma, é importante estudar qual a imagem que a sociedade atual tem sobre os contabilistas. Esta análise justifica-se ainda mais no atual contexto de pandemia que vivemos, no qual os Contabilistas Certificados estão a ter um papel de superior importância no apoio às empresas em Portugal. Como realça Paula Franco, Bastonária da OCC, nesta fase de pandemia os Contabilistas “são heróis, e estão até a ser psicólogos das empresas, no seu papel de acalmar os empresários, procurar as melhores soluções” (Lusa, 2020).

Assim, pela pouca diversidade de estudos nesta área, designadamente no contexto nacional, justifica-se a pertinência deste trabalho, numa época em que se discute à escala global o futuro da profissão de contabilista e em que estes profissionais têm assumido um papel preponderante no apoio à sobrevivência das empresas e na retoma da economia no atual contexto de pandemia.

Para efetuar esta revisão da literatura, consultamos artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutoramento que estudam e analisam a imagem e o estereótipo dos contabilistas. Estes documentos foram recolhidos nos Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), para teses, dissertações e relatórios de estágio, e na *Web of Science*, *Scopus*, *Emerald* e *B-ON* para os artigos de revistas científicas de âmbito internacional. Para atingir os objetivos definidos, os documentos foram pesquisados com base na sua relevância e selecionados artigos cujo título ou assunto incidisse sobre o estereótipo e imagem do contabilista e/ou da contabilidade. Neste sentido, as palavras-chave usadas para a pesquisa foram “*stereotype accounting*”, “*perceptions accounting*”, “*reputations*”, “*accountant*” e “*image*”. Dos estudos encontrados foram excluídos, após uma primeira leitura, aqueles que se afastavam do âmbito do nosso estudo. Posteriormente, os artigos selecionados foram lidos, analisados e agrupados em quatro categorias de análise, como apresentaremos mais adiante: a visão da sociedade; a visão dos contabilistas; a visão dos estudantes; e a imagem dos contabilistas nos *media*. Previamente àquela análise, impõe-se já de seguida uma breve abordagem ao conceito de estereótipo e à evolução da profissão de Contabilista em Portugal.

2. ESTEREÓTIPO

A palavra “estereótipo” teve origem no contexto científico, pelo jornalista americano Walter Lippmann, no seu livro “Public Opinion” em 1922 (Carnegie & Napier, 2010). O autor usou o termo para simplificar aquilo de que somos acusados, de formar opinião sobre as pessoas e eventos que nós encontramos na sociedade, servindo como mecanismo de categorização.

Tajfel e Turner (1979) consideram que os estereótipos ocorrem naturalmente e fornecem uma estrutura simples que confere um maior senso de previsibilidade e ordem. Já para Oakes, Haslam e Turner (1994), os estereótipos são características sociais, físicas ou comportamentais, atribuídas a pessoas por fazerem parte de um determinado grupo. Os autores defendem que o lado positivo neste processo de estereotipagem é o da criação de um mecanismo que permite sistematizar os grupos sociais e o seu ambiente.

Mackie, Hamilton, Susskind e Rosselli (1996) enumeram as características chave do estereótipo, definido como uma estrutura cognitiva que reside dentro da cabeça das pessoas, que inclui atitudes, papéis e comportamentos do grupo, o qual é composto por dois ou mais indivíduos que partilham as características enunciadas. O número de grupos está apenas limitado ao número de características identificáveis do grupo, que traduzem propriedades cognitivas e são a chave para o entendimento da formação e do funcionamento dos estereótipos. Desta forma, os estereótipos são a atribuição de rótulos pelo processo cognitivo às perceções sobre grupos de indivíduos. Os autores sugerem, ainda, que os estereótipos podem ser formados pelos processos cognitivo, afetivo, socio motivacional e cultural, que atuam no ambiente social, podendo sofrer influência de cada um destes processos, individualmente ou em conjunto.

Pelo facto de os estereótipos serem imagens criadas pelas pessoas, as consequências destas são mais significativas quando são consensualmente partilhadas, uma vez que podem afetar grupos inteiros (Stangor & Schaller, 1996). Os estereótipos são, assim, crenças e perceções sobre um determinado grupo e podem ser assertivos ou excessivamente generalizados (Dimnik & Felton, 2006; Kanahara, 2006; Myers, 2002).

Na opinião de Santos (2006), o estereótipo acaba por ser algo que é difícil de mudar, sendo que a influência negativa deste processo de categorização social ocorre após a ativação de estereótipos e sentimentos preconceituosos em relação a uma pessoa. Contudo, Azevedo (2010) considera que a generalização referida por Myers (2002), tem vantagens, já que se trata de um mecanismo que ajuda a simplificar a complexidade do

mundo, permitindo manter a coerência nos julgamentos. Desta forma, quando há um estereótipo em torno da profissão de contabilista, cria-se uma generalização para todos os outros contabilistas e, automaticamente, assumimos determinadas características sobre a totalidade do grupo, independentemente de traduzirem, ou não, a realidade. Neste sentido, Carnegie e Napier (2010) realçam que, se assumirmos que os contabilistas são profissionais aborrecidos, sempre que identificarmos alguém como sendo contabilista vamos também atribuir-lhe a característica de aborrecido. Em suma, os estereótipos são construídos a partir de um conjunto de características que se associam automaticamente aos membros de um determinado grupo social (Carnegie & Napier, 2010).

3. A PROFISSÃO EM PORTUGAL²

Em Portugal, o início da história da contabilidade remete-nos a 1759, quando o Marquês de Pombal criou a Aula de Comércio, que veio a ser a primeira escola de ensino de contabilidade em Portugal.

Em consequência da reforma fiscal que aconteceu entre 1958 e 1963, a profissão de Técnico Oficial de Contas (TOC) surge pela primeira vez no ordenamento jurídico português. Contudo, a criação da figura TOC não foi acompanhada de normas jurídicas reguladoras do exercício da profissão, nem foram definidas as funções inerentes àqueles profissionais. Durante sete anos, o poder político ignorou os TOC, confinando-os a meros funcionários administrativos. Contudo, a falta de rigor nas demonstrações financeiras começou a ser evidente, tornando-se imperativo legislar a profissão de modo a definir as funções e responsabilidades dos profissionais, conferindo, simultaneamente, carácter público à profissão.

Através da publicação do Decreto-Lei n.º 265/95, de 17 de outubro, é aprovado o Estatuto dos Técnicos Oficiais de Contas, criando-se um quadro jurídico para enquadrar o exercício da profissão e, com isso, a obrigatoriedade de inscrição na, então designada, Associação de Técnicos Oficiais de Contas (ATOC) para se poder exercer a profissão.

Mais tarde, com o Decreto-Lei n.º 452/99, de 5 de novembro, a ATOC passa a designar-se Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas. Com a realização do primeiro e, até à data, único referendo em finais de novembro de 1999, foi aprovado o Código Deontológico

² A breve abordagem apresentada nesta secção foi efetuada com base na informação disponível no site da Ordem dos Contabilistas Certificados (“OCC - Ordem dos Contabilistas Certificados,” n.d.).

que entrou em vigor a 1 de janeiro de 2000. Este Código surge com o objetivo e a necessidade de impor regras comportamentais iguais para todos os profissionais.

Posteriormente, no ano de 2009, com a evolução da profissão, nasce a Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), através do Decreto-Lei n.º 310/2009, de 26 de outubro. A OTOC veio estabelecer que a inscrição como membro efetivo passa a depender, não só de habilitações académicas adequadas, como de estágio profissional e exame. Um marco na história da contabilidade que coincidiu com a apresentação do novo Sistema de Normalização Contabilística (SNC).

Em 2015, a Lei n.º 139/2015, de 7 de setembro, transforma a OTOC na Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC), passando a designação dos profissionais a ser de Contabilista Certificado, mantendo-se até à data. É também alterado o respetivo Estatuto, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 452/99, de 5 de novembro, em conformidade com a Lei n.º 2/2013, de 10 de janeiro, que estabelece o regime jurídico de criação, organização e funcionamento das associações públicas profissionais.

Desde a primeira escola de contabilidade, passando pelo Código da Contribuição Industrial, a criação da ATOC, a alteração de estatutos que permitiu a transição da Câmara a Ordem e a eleição do primeiro Bastonário da Instituição, a profissão de contabilista conheceu em Portugal um grande impulso e reconhecimento especialmente a partir da década de 1990, sendo a entidade reguladora da profissão a maior ordem profissional portuguesa.

4. PERCEÇÕES SOBRE OS CONTABILISTAS

Da revisão efetuada à literatura encontramos diversos estudos que tendem a explorar o estereótipo e a imagem do contabilista, os quais podem ser agrupados em quatro categorias. Nesta secção apresentamos os resultados daqueles estudos empíricos que analisam a imagem dos contabilistas na perspetiva da sociedade, dos próprios profissionais e dos estudantes, estando estes relacionados ou não com a profissão. A outra categoria de estudos incide sobre a representação dos contabilistas e da profissão nos *media*.

4.1. A VISÃO DA SOCIEDADE

A sociedade revela diferentes perceções sobre os contabilistas, suas funções e a respetiva profissão. São diversos os estudos que recolheram evidência sobre a imagem

e a percepção que a sociedade tem dos contabilistas (Melro, 2018; Wells, 2019), analisando o que é escrito na imprensa sobre os profissionais e a profissão (Baldvinsdottir, Burns, Nørreklit, & Scapens, 2009; Cobbs, 1976; Faragalla, 2015; Friedman & Lyne, 2001; Hoffjan, 2004).

A contabilidade é, cada vez mais, vista como uma tecnologia altamente generalizada que pode contribuir para o funcionamento de organizações e seus processos (Hopwood, 1994). À medida que a contabilidade se torna mais influente na nossa vida quotidiana, importa que tenhamos uma maior percepção dos processos através dos quais essa influência é criada e sustentada. Bougen (1994), num estudo acerca dos contextos históricos da contabilidade, coloca como hipótese que a complexidade da imagem dos contabilistas deriva da interdependência entre a contabilidade e “guarda-livros”. Enquanto muito do trabalho contabilístico requer julgamento, imaginação e criatividade, o “guarda-livros” é caracterizado como aborrecido e rotineiro.

Num discurso proferido na revista *Business Week*, sobre a relação entre a profissão de contabilista e a imprensa, Cobbs (1976) concluiu que a imagem retratada pelos jornais era pouco atrativa. No mesmo sentido, Friedman e Lyne (2001), através de uma análise à imprensa publicada entre janeiro de 1970 e junho de 1995 de jornais e revistas dos Estados Unidos da América, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nigéria, concluíram que, apesar de se reconhecerem vários aspetos positivos na contabilidade, vem permanecendo o estereótipo de contabilistas aborrecidos e precisos. Tal como Wells (2019), Cobbs já criticava a profissão por esta falhar em informar o público, salientando, assim, a necessidade de o papel da contabilidade na sociedade ser comunicado e promovido.

Num estudo igualmente baseado em publicidade em jornais e revistas na Alemanha entre 1989 e 1999, Hoffjan (2004) concluiu que, a nível profissional, a publicidade frisa o carácter ético do contabilista. Segundo o autor, os contabilistas são vistos positivamente no que respeita ao profissionalismo, mas de forma negativa relativamente a questões de personalidade. Aliás, este estereótipo negativo era já destacado por DeCoster e Rhode (1971). Os autores analisaram, mediante um questionário, as características da personalidade de profissionais das oito maiores empresas de contabilidade de Washington, tendo concluído que o estereótipo comum é o do contabilista frio, distante e impessoal.

Em relação à mulher na profissão, são alguns os estudos que incidem sobre esta temática (e.g. Devonport, 2008). O autor realizou uma análise de arquivos, relativo ao

papel da mulher na profissão na Nova Zelândia ao longo de 100 anos de história, tendo concluído que, apesar de as mulheres terem um papel mais proeminente, ainda não conquistaram a igualdade face aos profissionais do sexo masculino.

Baldvinsdottir et al. (2009) realizaram uma análise a anúncios de *software* de contabilidade que aparecem nas publicações profissionais do *Chartered Institute of Management Accountant* nas últimas quatro décadas. Os autores observaram que a imagem dos contabilistas tem sofrido alterações: o contabilista era representado de forma responsável e racional (anos setenta e oitenta), passando para instruído e ativo (anos noventa) e, mais recentemente, é visto sob uma perspetiva mais otimista.

Da análise a publicações internacionais, Faragalla (2015) apresenta dois tipos de estereótipos associados à profissão de contabilista. O autor evidencia o estereótipo tradicional, de uma pessoa tímida e introvertida com poucas habilidades, e o estereótipo do profissional de negócios, envolvido em todas as áreas da empresa, sociável e extrovertida. Apesar de o estereótipo do profissional de negócios estar a ganhar força, quando se fala do contabilista e da contabilidade, o estereótipo mais presente na sociedade ainda é o do estereótipo tradicional (Faragalla, 2015).

Em Portugal, Melro (2018) realizou um estudo, com recurso a questionários, com o objetivo de, por um lado, identificar a perceção da sociedade sobre os Contabilistas Certificados e, por outro lado, analisar se estes são estereotipados de forma positiva ou negativa pela sociedade portuguesa. O autor concluiu que o Contabilista Certificado é visto como um profissional preciso e planeado, estruturado e concreto, interessante e fascinante. Desta forma, “a importância que os profissionais exercem na sociedade não é compatível com uma imagem negativa da mesma sobre os profissionais” (Melro, 2018, p. 78), uma vez que a profissão é considerada interessante mas, ao mesmo tempo, monótona.

Recentemente, Wells (2019) levou a cabo um estudo, baseado na teoria do estereótipo, onde confrontou as perceções sobre a contabilidade por pessoas que não tinham contacto com contabilistas e outras que tinham esse contacto. Este estudo foi realizado na Nova Zelândia com recurso a questionários e entrevistas. O autor concluiu que ainda existe algum desconhecimento da profissão, sobre o seu contributo e os seus benefícios para a sociedade, defendendo a necessidade de o papel dos contabilistas na sociedade ser comunicado e promovido, uma vez que, as pessoas que não têm contacto com os contabilistas, apenas associam a profissão ao dinheiro. Para estas pessoas, as perceções surgem da generalização excessiva de um momento, ficando a imagem do

contabilista limitada a um facto abstrato de uma experiência vivida (Wells, 2019). Contudo, embora o contacto com os contabilistas possa influenciar a perceção, tal não leva necessariamente a menos perceções estereotipadas (Wells, 2019). Na perspetiva de Melro (2018), “as atitudes e as ações dos contabilistas estão na origem da imagem dos mesmos pelas pessoas que os rodeiam” (p. 77).

4.2. A VISÃO DOS PROFISSIONAIS

Relativamente à perceção da imagem dos contabilistas pelos próprios profissionais, estes têm opiniões, tanto negativas, como positivas, sobre a sua profissão.

São vários os autores que realizaram estudos sobre esta temática em diferentes países, desde os EUA (DeCoster & Rhode, 1971; Imada, Fletcher, & Dalessio, 1980), Portugal (Costa, 2011; Dantas, 2017; Maia, 2017), Nova Zelândia (Wells, 2015a), Austrália e Reino Unido (Parker & Warren, 2017) e Brasil (Silva & Silva, 2018). Estes estudos têm utilizado diferentes metodologias de recolha de dados, nomeadamente entrevistas e questionários (Costa, 2011; DeCoster & Rhode, 1971; Imada et al., 1980; Maia, 2017; Silva & Silva, 2018; Wells, 2015a), análise de conteúdo a artigos científicos (Brouard, Bujaki, Durocher, & Neilson, 2017) e análise visual de fotografias e interpretação de entrevistas (Dantas, 2017; Parker & Warren, 2017).

Como já referimos na secção anterior, DeCoster e Rhode (1971) concluíram no seu estudo que o estereótipo comum da sociedade de então retratava o profissional de contabilidade como frio, distante e impessoal. Contudo, os profissionais consideravam-se hábeis nas competências interpessoais, necessárias para manter relações de sucesso com os clientes. Os autores sustentam que, no geral, os contabilistas eram isolados e pouco sociáveis, trabalhando fundamentalmente sozinhos. Já Imada et al. (1980) analisaram as características dos contabilistas, através da realização de entrevistas a contabilistas e estudantes. Na perspetiva dos profissionais mais antigos, os contabilistas são conservadores, tímidos e interessados em detalhes do negócio, exigindo baixos níveis de habilidade prática. Já os profissionais mais novos consideram os contabilistas expressivos, arriscados, com amplo conhecimento e extrovertidos.

Mais recentemente, Wells (2015a), com base na teoria da psicologia social e na teoria do estereótipo, investigou como os contabilistas podem contribuir para as perceções estereotipadas. Com recurso a entrevistas e questionários a contabilistas que trabalhavam na Nova Zelândia, concluiu que o contacto com estes profissionais pode

contribuir para a formação e manutenção do estereótipo da contabilidade. Os entrevistados, ao serem questionados sobre a profissão, procuraram distanciar-se do trabalho que é a profissão de contabilistas, uma vez que os próprios contabilistas têm sobre si uma imagem de profissionais focados na conformidade e descritos como “*a necessary evil*”, “*roadblocks to progress*” e “*the providers of bad news*” (Wells, 2015a, p. 498). Para o autor, uma estratégia de intervenção consiste nas empresas e associações de contabilistas desenvolverem e promoverem um entendimento comum da contabilidade, divulgando as suas importantes contribuições no dia-a-dia da sociedade. Esta estratégia levaria à redução da conceção de estereótipos negativos da profissão.

Brouard et al. (2017), num estudo centrado na teoria da identidade social e na literatura sobre a sociologia das profissões, referem que as empresas e os empregadores desempenham um papel fundamental na formação e na evolução dos contabilistas. A teoria da identidade social sugere que a identidade individual dos contabilistas é influenciada a nível do grupo da profissão (Brouard et al., 2017), realçando, assim, a generalização excessiva de uma experiência (Wells, 2019), centrada tanto na sociedade como nos próprios profissionais.

Os estudos que utilizam como metodologia a análise visual de fotografias e interpretação de entrevistas, centram-se na importância da identidade pessoal dos contabilistas (Dantas, 2017; Parker & Warren, 2017), “uma vez que as características intrínsecas à personalidade e carácter dos profissionais estão diretamente relacionadas com a sua identidade profissional” (Dantas, 2017, p. 70). Acresce que a vocação para a profissão é também definida pelas características pessoais e pelos seus valores, de entre os quais a honestidade e a responsabilidade.

Em Portugal, Costa (2011) estudou o tipo de relação existente entre os administradores e os contabilistas, tendo concluído que a opinião dos administradores sobre os contabilistas é positiva, já que os consideram profissionais inteligentes, éticos, bons conselheiros e responsáveis, reforçando a necessidade de valorização dos contabilistas pela sociedade e, mais ainda, pelos próprios profissionais. É essencial mostrar a importância da profissão no desenvolvimento dos negócios das empresas e eliminar a imagem de que o contabilista é apenas definido como uma obrigatoriedade exigida pela lei (Costa, 2011; Maia, 2017).

Também Maia (2017) realizou um estudo em Portugal, através de entrevistas a Contabilistas Certificados, sobre a sua perceção acerca dos desafios que a profissão tem enfrentado e de que modo estes influenciam a imagem atual e futura dos

profissionais. A autora concluiu que não existe um consenso entre os profissionais: para uns, a contabilidade ainda é vista apenas como obrigatoriedade exigida por lei; para outros é a base de qualquer negócio e empresa. Os resultados evidenciam, ainda, que o estereótipo negativo associado à profissão é resultado “da má formação dos antigos representantes da profissão” (Maia, 2017, p. 48).

Na perspectiva da mulher contabilista e do estereótipo que lhe é associado, Silva e Silva (2018) constataram, principalmente através da percepção das próprias contabilistas, a existência de barreiras que as impedem de se destacarem no ambiente corporativo, “ocupando as mesmas posições e recebendo os mesmos salários que profissionais do gênero masculino” (Silva & Silva, 2018, p. 71).

4.3. A VISÃO DOS ESTUDANTES

Aranya, Meir e Bar-ilan (1978), num estudo de evidências que contrasta as percepções dos estudantes de contabilidade e de psicologia de Israel acerca dos seus interesses e inclinações profissionais, com base na teoria J. L. Holland's (1973), concluíram que a maioria dos estudantes de contabilidade demonstrava interesse profissional em negócios e organização mas não nas áreas culturais, artes e entretenimento. Por sua vez, Taylor e Dixon (1979) realizaram um estudo com a aplicação de questionários aos estudantes de contabilidade de uma universidade da Nova Zelândia, tendo aferido que os estudantes consideravam a profissão desafiadora. No mesmo sentido e usando uma metodologia similar, Saemann e Crooker (1999) e Wessels e Steenkamp (2009) questionaram estudantes universitários dos EUA e África do Sul, respetivamente, concluindo que os estudantes consideram os contabilistas estruturados, precisos e indivíduos solitários, embora também considerem a profissão interessante (Wessels & Steenkamp, 2009). Destaca-se, assim, a visão tradicional da contabilidade por parte dos estudantes.

Fisher e Murphy (1995) realizaram um estudo no Reino Unido, através de questionário a estudantes de contabilidade do ensino superior. Os autores recolheram evidência que a transformação da prática pedagógica, com a incorporação de abordagens críticas ao conhecimento, é vista como um pré-requisito essencial para a criação de uma imagem mais positiva da contabilidade, bem como para a progressão da contabilidade enquanto disciplina académica.

Russell, Kulesza, Albrecht e Sack (2000) verificaram que a procura pela profissão nos EUA estava a diminuir. Desde os baixos salários à formação estreita e retrógrada, os estudantes e profissionais não voltariam a escolher a sua formação na área da contabilidade. Segundo os autores, àquela data a carreira dos profissionais de contabilidade havia perdido na corrida de adaptação às mudanças tecnológicas. No mesmo país, Coate, Mitschow e Schinski (2003), num estudo a estudantes em Nova Iorque, apontam que a visão tradicional dos contabilistas ainda se mantém viva, sendo esta essencialmente negativa. Os profissionais são vistos como aborrecidos e sem criatividade. Este facto tem contribuído para uma diminuição do número de estudantes em cursos de contabilidade. No mesmo sentido, Byrne e Willis (2005) concluíram que os estudantes irlandeses têm uma visão negativa do contabilista e da profissão, variando esta perceção consoante o género e a frequência, ou não, das aulas de contabilidade. Os estudantes percebem a contabilidade como “*boring, definite, precise and compliance driven*” (Byrne & Willis, 2005, p. 367). Tal como Coate et al. (2003), Marriott e Marriott (2003) também documentam uma diminuição do número de estudantes que se licenciam em contabilidade no Reino Unido, justificada pela pouca informação que os estudantes têm sobre a profissão de contabilista antes de iniciarem os seus estudos.

Ao contrário de outros estudos (Ferreira & Santoso, 2008; Mladenovic, 2000), Marriott e Marriott (2003) verificaram que, no início do curso, os estudantes tinham uma visão positiva da contabilidade enquanto profissão, a qual caiu significativamente no final de seus estudos. A diminuição de interesse na profissão e a perspectiva de se tornar num contabilista não aceite pela sociedade, são algumas das razões para aquela queda. Também os estudantes na Nova Zelândia têm uma imagem negativa do profissional de contabilidade e da sua carreira, caracterizada como sendo monótona e aborrecida (Malthus & Fowler; 2009).

Um papel importante da identidade profissional do contabilista é representada pelas habilidades necessárias para conduzir negócios dentro da profissão (Cernusca & Balaciu, 2015). Num estudo realizado através de questionário a estudantes de mestrado numa universidade na Roménia, puderam concluir que a percepção sobre a dinâmica atual do desenvolvimento da profissão, comparativamente com todas as outras profissões do mercado de trabalho, é a de estagnação, não percebendo a sociedade o verdadeiro valor da profissão e da contabilidade. Assentes na teoria da personalidade, Briggs, Copeland e Haynes (2007), num estudo realizado na Austrália através do questionário, defendem que o papel da personalidade no comportamento humano é

subestimado na contabilidade, sendo mesmo a justificação para a decadência de algumas empresas.

Ferreira e Santoso (2008) concluíram que o desempenho dos estudantes é afetado negativamente pelas percepções negativas que aqueles têm da contabilidade quando ingressam no ensino superior. Já as percepções positivas que os estudantes adquirem ao longo do curso têm um impacto positivo no seu desempenho (Ferreira & Santoso, 2008). Estes resultados corroboram os do estudo de Mladenovic (2000) dirigido a estudantes da Austrália através de questionário e *focus group*. O autor observou que os estudantes, no início do curso, tinham percepções negativas estereotipadas da contabilidade quando comparadas com as percepções de professores. Ao longo do curso, os estudantes mudaram significativamente a sua visão, tornando-se mais realista e alinhada com a percepção da profissão de contabilista (Mladenovic, 2000). Ou seja, existem percepções pré-concebidas da contabilidade, aspeto que pode e deve ser alterado no ambiente de ensino. Para Andon, Chong e Roebuck (2010), a opinião sobre os contabilistas está a transformar-se lentamente, o que cria um impacto positivo nas pessoas que consideram a profissão de contabilista apelativa.

Na mesma linha das evidências recolhidas no contexto internacional, também os estudantes portugueses ainda têm uma visão tradicional sobre os contabilistas, o que leva a que o interesse sobre o exercício da profissão seja inferior quando comparado com a profissão de auditor (Pinto, 2016), razão pela qual os estudantes demonstram pouco interesse “em exercer a profissão de contabilista e de frequentar uma licenciatura em contabilidade” (Lopes, 2014, p. 51). Os fatores mais importantes na formação são as aulas que relacionam a teoria e a prática profissional (Pinto, 2016), onde existe o contacto direto com os próprios profissionais, assim como o conhecimento pessoal de contabilistas e as aulas de contabilidade (Lopes, 2014).

Também Vicente (2014) estudou a profissão de contabilista em Portugal, com recurso a questionários a estudantes e profissionais e tendo por base a teoria do estereótipo. A autora concluiu que a imagem do contabilista é vista como precisa e interessante. Mas “o interesse pela profissão relaciona-se de forma inversa com o seu grau de estruturação e isolamento” (Vicente, 2014, p. V). Tal como Wells (2019), que verificou que as pessoas que não tinham contacto com os contabilistas apenas associavam a profissão ao dinheiro, Vicente considera que a “contabilidade em Portugal encontra-se ainda, em relação a outros países, bastante focalizada em aspetos monetários e interessada nas funções tradicionais do reporte externo e controlo de custos” (p.V). Nunes, Silva, Miranda e Leal (2014) acrescentam que os estudantes brasileiros

entendem que o contabilista atua principalmente com conteúdos de matemática, o que pode intimidar aqueles que não gostam da área. De facto, segundo Hunt, Falgiani e Intriери (2004) os estudantes consideram que os contabilistas são pessoas atentas aos detalhes, com boas apetências para a matemática e a fiscalidade, mas simultaneamente não os consideram admiráveis, emocionantes ou versáteis. Os autores acrescentam que o estereótipo formado a partir dos filmes, televisão e formação foram mais negativos do que o estereótipo baseado nas relações profissionais, tais como o contacto com os contabilistas. Suportados na teoria do comportamento planeado, há já algumas décadas que Cohen e Hanno (1993) defendiam que os estudantes não escolhiam o curso de contabilidade por se tratar de uma área demasiado quantitativa e monótona.

Wells (2015b), suportado na teoria da psicologia social do estereótipo, analisou a perceção sobre a contabilidade entre estudantes da Nova Zelândia que estudavam e que não estudavam contabilidade, com recurso a questionário. O autor concluiu que os estudantes de contabilidade, com base nas experiências em sala de aula, têm uma perceção muito bem definida sobre a contabilidade, o que não se verifica nos outros estudantes, que têm uma perceção muito abstrata sobre a contabilidade. O seu mais recente trabalho vem reforçar estas conclusões, uma vez que nenhum ou pouco contacto com os contabilistas, ou com a contabilidade, leva a uma generalização excessiva das experiências (Wells, 2019). Segundo o autor, estas perceções são influenciadas por mecanismos emocionais, afetivos, sócio-motivacionais e culturais (Wells, 2015b). Tal como Wells (2019), já Cory (1992) considerava que existia uma generalização do estereótipo negativo do contabilista e da profissão. Contudo, num estudo realizado no EUA, através de questionário, Cory concluiu que o estereótipo negativo pode ser alterado se existir contacto com os profissionais que exponham características contrárias ao do estereótipo.

Muito recentemente, Caglio, Cameran e Klobas (2019) recolheram, através de questionário, a perceção dos estudantes universitários, recém contabilistas e contabilistas profissionais, em Itália, sobre a imagem dos contabilistas. Segundo Caglio et al., quanto mais afastados estiverem os estudantes da profissão, menos atraente se torna a imagem dos contabilistas e mais abstrata é a sua perceção sobre a contabilidade (Wells, 2015a, 2019). Com diferentes fontes de influência, as perceções sobre os contabilistas também variam. Por exemplo, a perceção pública de um contabilista é menos favorável quando estruturado a partir de fontes dos *media* (Caglio et al., 2019). Por outro lado, Caglio e Cameran (2017) apontam a baixa confiança do público

relativamente a esta profissão como factor explicativo das escolhas profissionais dos jovens ao entrarem na faculdade.

Por fim, Arquero e Fernández-Polvillo (2019) estudaram, através de questionário, a perceção que os estudantes de contabilidade em Espanha tinham sobre a profissão de contabilista quando iniciaram os estudos na universidade. Os autores concluíram que os estudantes consideram a profissão orientada para a precisão, certeza, lógica, numérica e prática, não a entendendo como uma profissão solitária ou desinteressante. Os autores recolheram, ainda, evidencia de que os estudantes escolhem esta profissão pela perspectiva de emprego. No mesmo sentido, Raffaelli, Espejo e Portulhak (2016) concluíram que o discurso dos estudantes brasileiros demonstra uma perceção favorável em relação aos contabilistas.

4.4. A IMAGEM DOS CONTABILISTAS NOS MEDIA

Para além da visão da sociedade, dos profissionais e dos estudantes, são vários os estudos que se debruçaram sobre a análise da imagem que os *media* refletem dos contabilistas, já que esta tende a traduzir a visão da sociedade de como aqueles profissionais realmente se comportam (Tavares & Dantas, 2017). Existem, assim, autores que estudaram a imagem dos contabilistas retratada no cinema (Beard, 1994; Dimnik & Felton, 2006; Felton, Dimnik, & Bay, 2008; G. S. Smith, 2017; M. Smith & Briggs, 1999; Tavares & Dantas, 2017), na música (D. Smith & Jacobs, 2011), na comédia (Miley & Read, 2012) e na literatura (Evans & Fraser, 2012; Leão, Gomes, & Carnegie, 2019). Segundo Caglio et al. (2019) e Wells (2015b), quanto maior o distanciamento da profissão, menos atraente é a imagem dos contabilistas e mais abstrata é a nossa perceção sobre a contabilidade, podendo os *media* assumir um importante papel na construção da imagem pública do contabilista (Caglio et al., 2019). Importa, assim, perceber como as percepções sobre os contabilistas são retratadas nas diferentes fontes dos *media*.

Beard (1994) constatou em dezasseis filmes que a imagem do contabilista no cinema é negativa, estando geralmente associada a estereótipos de profissionais incapazes socialmente, rígidos e antissociais, embora aptos no seu campo de trabalho e até com características cómicas. No mesmo sentido está o estudo de Smith e Briggs (1999), no qual concluíram que existe uma deterioração da imagem dos contabilistas no cinema, sendo caracterizados como tímidos, criminosos, desonestos e envergonhados.

Outros estudos existem, contudo, que revelam uma imagem positiva do contabilista no cinema. Felton et al. (2008) refere que a imagem do contabilista no cinema é a de uma pessoa sóbria, confiável, integra mas com um trabalho aborrecido, que se traduz numa vida pacata, tediosa e maçante. Também Smith (2017), numa análise dos romances de ficção, encontrou uma imagem positiva do contabilista no cinema. Segundo o autor, os *media* podem alterar o estereótipo para atender às suas necessidades, de tal modo que a imagem do contabilista não é representado de forma uniforme em todos os *media*. Wells (2017) defende que o retrato de contabilistas nos *media* tornou-se mais positivo nos últimos tempos, acrescentando que os *media* são um veículo de transmissão e de desenvolvimento de estereótipos, podendo, ou não, influenciar a sua construção e alteração. No mesmo sentido Tavares e Dantas (2017) concluíram que, de uma maneira geral, os contabilistas são retratados positivamente nos filmes estudados, sendo caracterizados como profissionais bons, calmos, bem humorados, inteligentes, competentes, satisfeitos, confiantes, confiáveis, influentes e proativos. Mas, em alguns casos, também são negativamente retratados como maus profissionais, não-comunicativos, infelizes e mal humorados.

Dimnik e Felton (2006) estudaram a imagem do contabilista no cinema popular e chegaram a cinco diferentes estereótipos de contabilista: sonhador (inocente, otimista, tímido, pouco inteligente e que executa um trabalho aborrecido, pelo que sonha ter outro tipo de trabalho); trabalhador (sóbrio, aborrecido, pessimista e, acima de tudo, viciado no trabalho); excêntrico (jovem, ativo e neurótico); herói (sensível, honesto, generoso, engraçado, fisicamente atrativo); e vilão (frio, falso, desonesto e ganancioso). Apesar de se constatar alguma evolução, o contabilista ainda continua a ser visto como aborrecido e obcecado com a exatidão.

Também na música e comédia está maioritariamente presente um estereótipo negativo em relação ao contabilista. Segundo D. Smith e Jacobs (2011), algumas músicas refletem uma imagem dos contabilistas como sendo os responsáveis por atividades fraudulentas, nas quais os pobres são explorados em benefício dos ricos. Miley e Read (2012) referem que o estereótipo do contabilista está enraizado na cultura popular, pelo que a caracterização do contabilista nas piadas contemporâneas é consistente com a sua imagem em outras áreas da cultura popular.

Passando para a literatura, da análise aos romances policiais do contabilista escocês Alexander Clark Smith, Evans e Fraser (2012) concluíram que o autor estava à frente do discurso profissional contemporâneo, conseguindo criar uma personagem que concilia aspetos positivos do estereótipo tradicional com qualidades de um herói.

Recentemente, Leão et al. (2019) estudaram o retrato dos primeiros contabilistas em Portugal através da análise da literatura realista em língua portuguesa, a partir da segunda metade do século XIX. Os autores verificaram que as dimensões do estereótipo do contabilista, discernidas pelos dois primeiros profissionais de contabilidade apresentados nos trabalhos, são retratadas como sendo: modesto, profissional treinado no trabalho, não criativo, conservador e não energético, gerente financeiro honesto, comerciante, caloroso e sentimental. Ou seja, o estereótipo do contabilista representado no período entre 1860 e 1870 é semelhante ao convencional estereótipo de contabilista, identificado como o estereótipo “contabilista tradicional”.

5. CONCLUSÕES

Encontramos na literatura diversos estudos que tendem a explorar o estereótipo e a imagem do contabilista. Os estudos analisam a imagem dos contabilistas na perspectiva da sociedade, dos próprios profissionais e até na perspectiva dos estudantes.

Com este trabalho pretendeu-se efetuar a revisão dos mais relevantes estudos sobre a imagem pública que os diferentes segmentos da sociedade têm dos Contabilistas, de modo a perceber a sua evolução ao longo dos tempos e se houve progressos sobre a imagem que outrora existia, maioritariamente associada a um estereótipo negativo.

Da análise efetuada aos estudos que documentam a visão da sociedade sobre o contabilista, podemos concluir que existem diferentes opiniões, dependendo da aproximação que existe ou não à profissão. Contudo, ainda existe uma certa tendência para a generalização do estereótipo negativo, de que todo o contabilista tende a ser monótono, frio, aborrecido.

Apesar de se verificar uma ligeira evolução, os próprios contabilistas ainda possuem uma visão negativa da sua profissão. Este estereótipo é muitas vezes o resultado de uma má formação e do desconhecimento antes de ingressarem na profissão, uma vez que não têm perceção do que é o trabalho de um contabilista. Desta forma, existe a necessidade de uma maior valorização da importância da profissão de contabilista na sociedade e nas empresas, designadamente no contexto português. Esta valorização passa pela melhoria da formação no ensino e ao longo da carreira profissional e pelo esforço das associações profissionais e empresas em demonstrar à sociedade a importância destes profissionais.

Também os estudantes atribuem, de um modo geral, um estereótipo maioritariamente negativo aos contabilistas. Esta visão tradicional prejudica, por um lado, o número de estudantes a procurar cursos que dão acesso à profissão e, por outro lado, o percurso e formação académica dos que optam por aqueles cursos, porquanto já ingressam nos mesmos com perceções negativas pré-concebidas. Uma forma de alterar o estereótipo negativo existente é através do contacto com os próprios profissionais e o reforço na formação dos estudantes. De facto, diversos estudos analisados evidenciaram que, os estudantes de contabilidade, com base nas experiências em sala de aula, tendem a mudar a sua visão, tornando-se mais positiva, realista e alinhada com a perceção da profissão de contabilista. Assim, a transformação da prática pedagógica, com a incorporação de abordagens críticas ao conhecimento, é vista como um pré-requisito essencial para a criação de uma imagem mais positiva da contabilidade e dos seus profissionais.

Podemos igualmente concluir que os *media* são um veículo de transmissão e de desenvolvimento de estereótipos do contabilista, podendo até influenciar a sua construção e alteração para atender às suas necessidades. Por sua vez, a imagem do contabilista não é representado de forma uniforme em todas as formas dos *media*. Apesar de se notar uma evolução no sentido positivo de como os *media* retratam os contabilistas, a imagem que mais se destaca é a negativa, associada ao estereótipo tradicional do contabilista ainda enraizado na cultura popular.

Em síntese, apesar de se registar alguma evolução ao longo dos tempos, é notório o desconhecimento ainda existente sobre a profissão por parte da sociedade. Numa época em que os contabilistas têm assumido um papel preponderante no apoio à sobrevivência das empresas portuguesas e na retoma da economia no atual contexto de pandemia, urge promover e divulgar a profissão, demonstrar e explicar a importância dos profissionais, uma vez que, quem lida com os contabilistas, reconhece o importante papel que estes assumem na sociedade. Este estudo pretende ser um contributo para a discussão desta problemática no contexto nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andon, P., Chong, K. M., & Roebuck, P. (2010). Personality preferences of accounting and non-accounting graduates seeking to enter the accounting profession. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(4), 253–265.

<https://doi.org/10.1016/j.cpa.2010.01.001>

- Aranya, N., Meir, E. I., & Bar-ilan, A. (1978). An empirical examination of the stereotype accountant based on Holland's theory. *Journal of Occupational Psychology*, 51(2), 139–145. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8325.1978.tb00408.x>
- Arquero, J. L., & Fernández Polvillo, C. (2019). Estereotipos contables. Motivaciones y percepciones sobre la contabilidad de los estudiantes universitarios de Administración de Empresas y Finanzas y Contabilidad. *Revista de Contabilidad-Spanish Accounting Review*, 22(1), 88–99. <https://doi.org/https://doi.org/10.6018/rc-sar.22.1.354341>
- Azevedo, R. F. L. (2010). *A percepção pública sobre os contadores: bem ou mal na foto?* (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo). <https://doi.org/10.11606/D.12.2010.tde-28102010-165136>
- Baldvinsdottir, G., Burns, J., Nørreklit, H., & Scapens, R. W. (2009). The image of accountants: from bean counters to extreme accountants. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 22(6), 858–882. <https://doi.org/10.1108/09513570910980445>
- Beard, V. (1994). Popular culture and professional identity: Accountants in the movies. *Accounting, Organizations and Society*, 19(3), 303–318. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(94\)90038-8](https://doi.org/10.1016/0361-3682(94)90038-8)
- Bougen, P. D. (1994). Joking apart: The serious side to the accountant stereotype. *Accounting, Organizations and Society*, 19(3), 319–335. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(94\)90039-6](https://doi.org/10.1016/0361-3682(94)90039-6)
- Briggs, S. P., Copeland, S., & Haynes, D. (2007). Accountants for the 21st Century, where are you? A five-year study of accounting students' personality preferences. *Critical Perspectives on Accounting*, 18(5), 511–537. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2006.01.013>
- Brouard, F., Bujaki, M., Durocher, S., & Neilson, L. C. (2017). Professional Accountants' Identity Formation: An Integrative Framework. *Journal of Business Ethics*, 142(2), 225–238. <https://doi.org/10.1007/s10551-016-3157-z>
- Byrne, M., & Willis, P. (2005). Irish secondary students' perceptions of the work of an accountant and the accounting profession. *Accounting Education*, 14(4), 367–381. <https://doi.org/10.1080/06939280500346003>
- Caglio, A., & Cameran, M. (2017). Is it Shameful to be an Accountant? GenMe Perception(s) of Accountants' Ethics. *Abacus*, 53(1), 1–27. <https://doi.org/10.1111/abac.12098>
- Caglio, A., Cameran, M., & Klobas, J. (2019). What is an Accountant? An Investigation of Images. *European Accounting Review*, 28(5), 849–871. <https://doi.org/10.1080/09638180.2018.1550000>
- Carnegie, G. D., & Napier, C. J. (2010). Traditional accountants and business professionals: Portraying the accounting profession after Enron. *Accounting, Organizations and Society*, 35(3), 360–376. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2009.09.002>
- Cernusca, L., & Balaciu, D. E. (2015). The Perception of the Accounting Students on the Image of the Accountant and the Accounting Profession. *Journal of Economics & Business Research*, 21(1), 7–24. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edb&AN=100042554&site=eds-live>
- Coate, C. J., Mitschow, M. C., & Schinski, M. D. (2003). What Students Think of CPAS:

- Is the Stereotype Alive and Well? *The CPA Journal*, 73(8), 52.
- Cobbs, J. L. (1976). How the business press views the accounting profession. *Journal of Accountancy*, 142(3), 94–98.
- Cohen, J., & Hanno, D. M. (1993). An analysis of underlying constructs affecting the choice of accounting as a major. *Issues in Accounting Education*, 8(2), 219–238. <https://doi.org/10.5267/j.msl.2019.8.034>
- Cory, S. N. (1992). Quality and quantity of accounting students and the stereotypical accountant: Is there a relationship? *Journal of Accounting Education*, 10(1), 1–24. [https://doi.org/10.1016/0748-5751\(92\)90015-W](https://doi.org/10.1016/0748-5751(92)90015-W)
- Costa, C. C. da. (2011). *Estudo Exploratório sobre a Percepção que os Administradores têm dos Contabilistas* (Relatório de estágio de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal). <https://doi.org/http://hdl.handle.net/1822/17508>
- Dantas, M. (2017). *Análise visual da construção da identidade profissional do contabilista* (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal). <https://doi.org/http://hdl.handle.net/1822/47987>
- DeCoster, D. T., & Rhode, J. G. (1971). The Accountant's Stereotype: Real or Imagined, Deserved or Unwarranted. *The Accounting Review*, 46(4), 651–664. Retrieved from <https://www.jstor.org/stable/244245>
- Devonport, B. F. (2008). The participation of women in the New Zealand Institute of Chartered Accountants: 100 years of social stereotyping? *Pacific Accounting Review*, 20(3), 269–281. <https://doi.org/10.1108/01140580810920245>
- Dimnik, T., & Felton, S. (2006). Accountant stereotypes in movies distributed in North America in the twentieth century. *Accounting, Organizations and Society*, 31(2), 129–155. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2004.10.001>
- Evans, L., & Fraser, I. (2012). The accountant's social background and stereotype in popular culture: The novels of Alexander Clark Smith. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 25(6), 964–1000. <https://doi.org/10.1108/09513571211250215>
- Faragalla, W. A. (2015). Stereotypes Regarding Accounting Profession. *Annals of the University of Oradea, Economic Science Series*, 24(2), 436–439. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=bth&AN=117725754&site=eds-live>
- Felton, S., Dimnik, T., & Bay, D. (2008). Perceptions of accountants' ethics: Evidence from their portrayal in cinema. *Journal of Business Ethics*, 83(2), 217–232. <https://doi.org/10.1007/s10551-007-9613-z>
- Ferreira, A., & Santoso, A. (2008). Do students' perceptions matter? A study of the effect of students' perceptions on academic performance. *Accounting and Finance*, 48(2), 209–231. <https://doi.org/10.1111/j.1467-629X.2007.00239.x>
- Fisher, R., & Murphy, V. (1995). A Pariah Profession? Some student perceptions of accounting and accountancy. *Studies in Higher Education*, 20(1), 45–58. <https://doi.org/10.1080/03075079512331381790>
- Friedman, A. L., & Lyne, S. R. (2001). The beancounter stereotype: towards a general model of stereotype generation. *Critical Perspectives on Accounting*, 12(4), 423–451. <https://doi.org/10.1006/cpac.2000.0451>
- Hoffjan, A. (2004). The Image of the Accountant in a German Context. *Accounting and the Public Interest*, 4(1), 62–89. <https://doi.org/10.2308/api.2004.4.1.62>
- Hopwood, A. G. (1994). Accounting and everyday life: An introduction. *Accounting*,

- Organizations and Society*, 19(3), 299–301. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(94\)90037-X](https://doi.org/10.1016/0361-3682(94)90037-X)
- Hunt, S. C., Falgiani, A. A., & Intrieri, R. C. (2004). The Nature and Origins of Students' Perceptions of Accountants. *Journal of Education for Business*, 79(3), 142–148. <https://doi.org/10.3200/JOEB.79.3.142-148>
- Imada, A. S., Fletcher, C., & Dalessio, A. (1980). Individual correlates of an occupational stereotype: A reexamination of the stereotype of accountants. *Journal of Applied Psychology*, 65(4), 436–439. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.65.4.436>
- Jacobs, K., & Evans, S. (2012). Constructing accounting in the mirror of popular music. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 25(4), 673–702. <https://doi.org/10.1108/09513571211225097>
- Kanahara, S. (2006). A Review of the Definitions of Stereotype and a Proposal for a Progressional Model. In *Individual Differences Research* (Vol. 4). Retrieved from <http://eds.b.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=0&sid=289f32dd-c3d7-4bd6-80b2-d2ddb1b4c420%40pdc-v-sessmgr01>
- Leão, F., Gomes, D., & Carnegie, G. D. (2019). The portrayal of early accountants in nineteenth century Portuguese literature. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 32(2), 658–688. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-12-2014-1905>
- Lopes, C. A. F. (2014). *Estereótipo do contabilista e da profissão contabilística: o caso dos alunos do ensino secundário* (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal). <https://doi.org/http://hdl.handle.net/1822/28010>
- Lusa, A. (2020, April 21). Contabilistas denunciam dificuldades nos empréstimos às empresas. *Diário de Notícias*. Retrieved from <https://www.dnoticias.pt/>
- Mackie, D. M., Hamilton, D. L., Susskind, J., & Rosselli, F. (1996). Social psychological foundations of stereotype formation. In *Stereotypes and stereotyping* (pp. 41–78). Retrieved from [https://books.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=o2EVqBMpJDEC&oi=fnd&pg=PA41&dq=Mackie,+D.+M.,+Hamilton,+D.+L.,+Susskind,+J.+e+Rosselli,+F.+\(1996\),+Social+Psychological+Foundations+of+Stereotype+Formation,+In+C.+N.+Macrae,+C.+Stangor+%26+M.+Hewstone.&ots=FT](https://books.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=o2EVqBMpJDEC&oi=fnd&pg=PA41&dq=Mackie,+D.+M.,+Hamilton,+D.+L.,+Susskind,+J.+e+Rosselli,+F.+(1996),+Social+Psychological+Foundations+of+Stereotype+Formation,+In+C.+N.+Macrae,+C.+Stangor+%26+M.+Hewstone.&ots=FT)
- Maia, A. R. O. D. (2017). *Os Desafios da Contabilidade e a sua Imagem: A percepção dos Contabilistas Certificados* (Relatório de estágio de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal). <https://doi.org/http://hdl.handle.net/1822/49475>
- Malthus, S., & Fowler, C. (2009). Perceptions of accounting: a qualitative New Zealand study. *Pacific Accounting Review*, 21(1), 26–47. <https://doi.org/10.1108/01140580910956849>
- Marriott, P., & Marriott, N. (2003). Are we turning them on? A longitudinal study of undergraduate accounting students' attitudes towards accounting as a profession. *Accounting Education*, 12(2), 113–133. <https://doi.org/10.1080/0963928032000091738>
- Melro, A. (2018). *A percepção da sociedade sobre os Contabilistas Certificados* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal). <https://doi.org/http://hdl.handle.net/10316/84668>
- Miley, F., & Read, A. (2012). Jokes in popular culture: The characterisation of the accountant. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 25(4), 703–718. <https://doi.org/10.1108/09513571211225105>
- Mladenovic, R. (2000). An investigation into ways of challenging introductory accounting students' negative perceptions of accounting. *Accounting Education*, 9(2), 135–155.

<https://doi.org/10.1080/09639280010000147>

- Myers, R. (2002). How CFOs stretch boundaries. *Journal of Accountancy*, 193(5), 75–81. Retrieved from <http://search.proquest.com/openview/cb7670ec8edd4ab32b1af1ac65de6e85/1?pq-origsite=gscholar&cbl=41065>
- Nunes, I. V., Silva, T. D., Miranda, G. J., & Leal, E. A. (2014). High school student's perceptions of an accountant's responsibilities. *Revista Universo Contábil*, 10(4), 144–161. <https://doi.org/10.4270/ruc.2014434>
- Oakes, P. J., Haslam, S. A., & Turner, J. C. (1994). Stereotyping and social reality. *Stereotyping and Social Reality.*, pp. xiv, 255–xiv, 255. Malden: Blackwell Publishing.
- OCC - Ordem dos Contabilistas Certificados. (n.d.). <https://doi.org/https://www.occ.pt/pt/>
- Parker, L. D., & Warren, S. (2017). The presentation of the self and professional identity: countering the accountant's stereotype. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 30(8), 1895–1924. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-09-2016-2720>
- Pinto, D. J. M. (2016). *A Perceção dos alunos de ciências económicas e empresariais sobre a profissão de contabilista e de auditor* (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal). <https://doi.org/http://hdl.handle.net/1822/40882>
- Raffaelli, S. C. D., Espejo, M. M. dos S. B., & Portulhak, H. (2016). A imagem do profissional contábil: análise da percepção socialmente construída por estudantes de ciências económicas. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(29), 157–178. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2016v13n29p157>
- Russell, K. a, Kulesza, C. S., Albrecht, W. S., & Sack, R. J. (2000). Charting the Course Through a Perilous Future. *Management Accounting Quarterly*, 2, 4–11. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=bth&AN=12102318&site=ehost-live&scope=site>
- Saemann, G. P., & Crooker, K. J. (1999). Student perceptions of the profession and its effect on decisions to major in accounting. *Journal of Accounting Education*, 17(1), 1–22. [https://doi.org/10.1016/S0748-5751\(99\)00007-X](https://doi.org/10.1016/S0748-5751(99)00007-X)
- Santos, M. J. de M. (2006). *Estereótipos, preconceitos, axé-music e pagode* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Retrieved from https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/marcos_joel.pdf
- Silva, D. J. M., & Silva, M. A. da. (2018). Mulheres na contabilidade: os estereótipos socialmente construídos sobre a contadora. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 11(1), 071–091. <https://doi.org/10.14392/asaa.2018110104>
- Smith, D., & Jacobs, K. (2011). “Breaking up the sky”: The characterisation of accounting and accountants in popular music. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 24(7), 904–931. <https://doi.org/10.1108/09513571111161648>
- Smith, G. S. (2017). The accountant: A character in literature. *Meditari Accountancy Research*, 25(1), 2–27. <https://doi.org/10.1108/MEDAR-03-2015-0014>
- Smith, M., & Briggs, S. (1999). From bean-counter to action hero: Changing the image of the accountant. *Management Accounting*, 77, 28–30. Retrieved from <http://proquest.umi.com/pqdweb?did=38205206&Fmt=7&clientId=14273&RQT=309&VName=PQD>
- Stangor, C., & Schaller, M. (1996). Stereotypes as individual and collective

- representations. In *Macrae, C.N., Stangor, C. and Hewstone, M. (Eds), Stereotypes and Stereotyping, Guilford Press, New York, NY* (pp. 3–37). Retrieved from [https://books.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=o2EVqBMpJDEC&oi=fnd&pg=PA3&dq=Stangor,+C.+and+Schaller,+M.+\(1996\),+\"Stereotypes+as+individual+and+collective+representations\",+in+Macrae,+C.N.,+Stangor,+C.+and+Hewstone,+M.+\(Eds\),+Stereotypes+and+Stereotyping](https://books.google.com/books?hl=pt-PT&lr=&id=o2EVqBMpJDEC&oi=fnd&pg=PA3&dq=Stangor,+C.+and+Schaller,+M.+(1996),+\)
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An Integrative theory of intergroup conflict. In *In W. G. Aistin & S. Worchel (Eds.), The social psychology of intergroup relations* (pp. 33–47). Monterey CA: Brooks/Cole.
- Tavares, J. D. A., & Dantas, M. G. da S. (2017). Accountant profile in the cinema of the 21st century. <https://doi.org/10.18028/2238-5320/rgfc.v7n2p218-239>
- Taylor, D. B., & Dixon, B. R. (1979). Accountants and accounting: a student perspective. *Accounting & Finance*, 19(2), 51–62. <https://doi.org/10.1111/j.1467-629X.1979.tb00205.x>
- Vicente, C. C. da S. (2014). *A profissão de contabilista em Portugal. Evidência empírica em alunos e profissionais*. (Tese de doutoramento, ISCTE-IUL, Lisboa, Portugal). <https://doi.org/http://hdl.handle.net/10400.21/5385>
- Wells, P. K. (2015a). Looking in the mirror. *Pacific Accounting Review*, 27(4), 486–507. <https://doi.org/10.1108/PAR-09-2013-0091>
- Wells, P. K. (2015b). New Zealand High School Students' Perception of Accounting: How and Why Those Perceptions Were Formed. *Accounting Education*, 24(6), 461–479. <https://doi.org/10.1080/09639284.2015.1072727>
- Wells, P. K. (2017). A comment on the paper “the Accountant: A Character in Literature” and an agenda for research on the accountant stereotype. *Meditari Accountancy Research*, 25(1), 28–36. <https://doi.org/10.1108/MEDAR-11-2016-0091>
- Wells, P. K. (2019). How does contact with accountants influence perceptions of accounting? *Accounting Education*, 28(2), 127–148. <https://doi.org/10.1080/09639284.2017.1381033>
- Wessels, P. L., & Steenkamp, L. P. (2009). An investigation into students' perceptions of accountants. *Meditari Accountancy Research*, 17(1), 117–132. <https://doi.org/10.1108/10222529200900008>